

HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO: UM RECORTE TEMPORAL SOBRE AS CARTILHAS

Graziela Franceschet Farias¹
Helenise Sangoi Antunes²

RESUMO: Este artigo pretende realizar um recorte temporal acerca da História da Alfabetização no Brasil, no período compreendido entre os séculos XX e XXI. Nessa direção, pesquisa-se sobre as cartilhas utilizadas por professoras alfabetizadoras da época. Acredita-se que a alfabetização deve se converter em uma experiência significativa para as crianças, em que a reflexão sobre a escrita e a leitura considere o seu valor como objeto social, permitindo-lhes a manipulação e a apropriação deste objeto, a fim de que possam transformá-lo e recriá-lo. Situar as cartilhas de alfabetização, em nível histórico e atual, é uma forma de valorizar as escolas e as alfabetizadoras, assim como suas memórias, suas histórias de vida pessoal e profissional e os processos pelos quais elas traçaram trajetórias de vida. Relembrar os métodos de alfabetização utilizados antigamente e na atualidade permite-nos concretizar os objetivos aqui elencados. Os procedimentos metodológicos possuem caráter qualitativo, a partir dos estudos realizados por Bogdan e Biklen (1994); Fazenda (1995); Gatti (2002); Goldenberg (2003). A partir do levantamento bibliográfico, percebe-se que as pesquisas acerca da História da Alfabetização, realizadas por Mortatti (2000), Frade e Maciel (2006), Peres (2007), Trindade (2004), revelam-nos que algumas cartilhas continuam a circular nesta década e que algumas outras vão surgindo para dar suporte à alfabetização de adultos no ensino noturno (EJA), bem como em escolas rurais do Rio Grande do Sul. Nesta perspectiva, surgem novas editoras, especialmente criadas para esse fim, publicando cartilhas e livros didáticos.

PALAVRAS-CHAVE: história da alfabetização, cartilhas, processos formativos.

ABSTRACT: This paper aims at presenting a passage in time about the history of literacy in Brazil, during the 20th and 21st centuries. In this way, primers used by literacy tutoring were analyzed. It is assumed that literacy should be a significant experience for children, in which reflection on the writing and reading has a valuable corporate purpose, allowing them to manipulate and appropriate this object, so that they can transform and recreate it. Approaching educational, historical and current literacy level is to valorize schools and teachers, as well as memories,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). E-mail: gfranceschet@yahoo.com.br

² Prof^a. Dr^a. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). E-mail: professora@helenise.com.br

personal and professional life stories and also processes which drew life trajectories. Reminding previously used historical methods and current literacy makes possible to reach the research objectives. The methodological procedures were based on a qualitative character, considering studies by Bogdan; Biklen (1994); Fazenda (1995); Gatti (2002); Goldenberg (2003). A bibliographical research about the literacy history by Mortatti (2000), Frade; Maciel (2006), Peres (2007), Trindade (2004) show us that some educational materials are still being used nowadays, and some new ones emerge to support adult literacy (EJA), as well as in Rio Grande do Sul State rural schools. Considering that, new publishers especially created for this purpose emerged, publishing educational materials and textbooks.

KEYWORDS: literacy history, primers, training processes.

Alguns ensaios iniciais

Com base em estudos já realizados pelo Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) em Pelotas, pelo Centro de Documentação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) e pelo Projeto “Memória da Cartilha”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), destaca-se, neste trabalho, a importância de estudos que valorizem as abordagens históricas das cartilhas.

Como pioneiro, iniciando os estudos em História da Alfabetização e Cartilhas no município de Santa Maria/RS, está o Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA/CNPq/UFSM), coordenado pela Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Prof^a. Helenise Sangoi Antunes, que, desde o ano de 2007, com o do projeto de iniciação científica (BIC/FAPERGS) intitulado “Narrativas e Memórias de Alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas rurais da região de Santa Maria-RS”, vem desenvolvendo pesquisas acerca dessa temática.

Desde então, estudar a história da alfabetização, assim como a circulação das cartilhas utilizadas para fins de alfabetização no Rio Grande do Sul e em Santa Maria, tornou-se um desafio para o GEPFICA, que conta com a participação de doutores, mestres, mestrandos e acadêmicos de iniciação científica, para que juntos possam enriquecer a produção científica do grupo e da Linha de Pesquisa sobre Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação no qual estão envolvidos.

Sendo assim, este artigo tem por objetivo realizar um recorte histórico voltado à História da Alfabetização e das Cartilhas no Rio Grande do Sul e em Santa Maria. Trata-se de um desafio, uma vez que este estudo demanda tempo, paciência e principalmente persistência. Com referência ao recorte histórico, buscamos conhecer e obter exemplares de

cartilhas produzidas e editadas entre os séculos XX e XXI, visto que as primeiras datam do século XIX, mais precisamente de 1834. Para tanto, reportamo-nos aos acervos bibliográficos e históricos disponíveis em bibliotecas públicas, centros de pesquisa e em arquivos pessoais das colaboradoras da pesquisa.

No início do século XX até meados da década de 60, 70, cabe ressaltar a predominância de escolas rurais no Brasil (THERRIEN; DAMASCENO, 1993) e que somente a partir de então, em detrimento do processo de urbanização brasileiro, começam a surgir as primeiras escolas urbanas, com o objetivo de atender a população em ascensão.

Diante desse movimento de aceleração econômica e social, a Educação no meio rural também sofreu mudanças e até os dias de hoje tem tentado conviver com as consequências causadas, principalmente, pela saída da população do meio rural para o meio urbano e, tão logo, pela falta de zelo e valorização para com o lugar onde vivem.

Com o início da Globalização, a partir dos anos 70, principalmente as grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, tornaram-se polos atrativos de trabalho e expectativa de vida. As populações que até então residiam no meio rural passaram a ocupar o espaço urbano de forma desordenada e acelerada:

A instituição escolar desempenhou um papel fundamental na produção de uma força de trabalho disciplinada e capaz de se integrar em modalidades de crescente racionalidade da organização do trabalho, baseada na hierarquia, na segmentação das tarefas e na dissociação entre o trabalhador e o produto do seu trabalho. A cobertura do território nacional por uma rede de escolas baseava-se numa concepção de homogeneidade e uniformidade deste mesmo território. (CANÁRIO, 2008, p. 39).

Analisando o fragmento acima e transpondo-o para a realidade do Rio Grande do Sul, a situação configurou-se de modo semelhante. Era depositada nas escolas rurais a esperança de que a situação do meio rural pudesse converter em algo que trouxesse prosperidade e oportunidades de trabalho:

Percebe-se, assim, a necessidade de uma política educacional voltada para a sociedade rural, envolvendo a ampla gama de experiências e princípios deste meio. É

preciso ter clareza quanto ao espaço físico da escola, a formação dos professores, material didático, atividades desenvolvidas, metodologias, avaliação, horários escolares, enfim, fatores determinantes da cultura rural. As falhas não estão somente nos conteúdos e nas estruturas do ensino, mas no enfoque situado e na visão de mundo atual. Faz-se necessário planejar com o homem rural a educação que lhe é destinada, partindo de seus valores, necessidades, linguagem e modo de vida, numa proposta intercultural de conteúdos. (BRASOLIN; ECCO, 2008, p.5).

Nesse contexto, quanto às cartilhas utilizadas pelas professoras alfabetizadoras rurais, não havia distinção, com relação à circulação das cartilhas para a alfabetização, entre o espaço urbano e rural, ou seja, a desvalorização do meio rural e suas especificidades foram “esquecidas” desde sempre. Dentre todo o estudo bibliográfico realizado, pode-se perceber a existência de somente uma cartilha que se destinou, como podemos observar por seu próprio nome, ao ensino do meio rural, intitulada *Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida*, de autoria de Renato Sêneca Fleury, editada pela Editora Melhoramentos, porém, sem data.

Não havia, e atualmente continua não havendo, uma delimitação espacial para a abrangência desse material impresso, pois os limites entre o meio urbano e o meio rural existem a partir dos limites imaginários impostos pelos homens.

História da educação e da alfabetização no Brasil: recorte espacial e temporal

No decorrer desse discurso, percorre-se a história da educação e da alfabetização no século XX e no início do século XXI permeando-se pela ideia de que, neste período, a educação brasileira e o cenário educacional passaram por um forte desprestígio teórico e de valor:

Um dos aspectos em que se reflete com mais intensidade a crise atual da cultura intelectual é o grau de tensão que, ao longo da última metade do século, adquire a polêmica entre relativismo e universalidade, matizados pelo constante renascer das tendências etnocêntricas. Esta polêmica não pode ser enfrentada de maneira dicotômica; nela se encontram presentes, ao menos, três componentes em mútua interdependência e relativa autonomia: o indivíduo, a

cultura singular e a aspiração à comunidade universal, o que requer três níveis de análise independentes e complementares. (GOMÉZ, 2001, p. 34).

Percebe-se, pela leitura do fragmento acima, que independentemente do período histórico, deparamo-nos com a ideia de indivíduo único imerso na cultura social em que se encontra inserido, assim como na comunidade, que é heterogênea, e à qual ele também pertence.

Por esse viés reflexivo, entende-se que a história da alfabetização se caracteriza por ser um campo da educação imensamente promissor, tanto em termos de pesquisas quanto em termos de materiais bibliográficos disponíveis. Faz-se necessário lembrar que centros de excelência em pesquisas na área, como por exemplo, o Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), fundado em 2000, é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq e vinculado à Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas. Nesse centro, situado ao Sul do Rio Grande do Sul, desenvolvem-se estudos em nível de Especialização e Mestrado, além da manutenção de um grupo de História da Alfabetização, criado em 2005, cujo objetivo principal é desenvolver estudos com o projeto intitulado: “Cartilhas Escolares – ideários, práticas pedagógicas e editoriais: construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS/MT, 1834-1996)”, coordenado pela professora Dr^a. Eliane Peres, em parceria com outros dois Estados, Minas Gerais e Mato Grosso.

Em Minas Gerais, essas pesquisas têm sido largamente incentivadas pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação (FaE/UFMG), sob coordenação geral da Professora Dr^a. Isabel Cristina Alves da Silva Frade. No Rio Grande do Sul, encontra-se um grande acervo histórico das cartilhas de alfabetização situado na biblioteca setorial da Faculdade de Educação da UFRGS, intitulado Projeto “Memória das Cartilhas”, sob a coordenação da Professora Dr^a. Iole Maria Trindade (TRINDADE, 2004).

Nesse íterim, este artigo se utilizará de fontes de dados já coletados por esses centros de excelência em pesquisas em História da Educação, principalmente as informações coletadas pelo CEIHE, para a realização de um recorte temporal da elaboração, produção e circulação das cartilhas a partir do século XX, com edições e re-edições datadas até meados do ano 2000.

Dos levantamentos realizados até então, encontram-se catalogados mais de 500 livros escolares de alfabetização (FRADE; MACIEL, 2006), dos quais a maioria é somada como cartilhas de alfabetização. Há uma

prevalência das editoras de São Paulo e de Minas Gerais, característica impulsionada pelos lucros da lavoura de café e pelas ideias republicanas.

A expansão da escola pública primária no Estado de São Paulo, segundo Frade; Maciel (2006), iniciada no final do século XIX acelerou o desenvolvimento do mercado editorial e possibilitou a profissionalização do escritor didático. Editoras já tradicionais no segmento de livros didáticos, como a Livraria Francisco Alves, fundada no Rio de Janeiro, em 1854, expandiram seus negócios em São Paulo, abrindo sua primeira filial em 1893. Outras, como a Editora Melhoramentos (1915) e a Editora Monteiro Lobato & Cia (1918), apareceram em São Paulo e logo fizeram do livro didático (e da literatura infantil) um importante ramo de negócios. Também se pode citar a Brasil S/A, Editora do Brasil em Minas Gerais, F.T.D. S/A, Editora Lemi, Editora Vigília, Imprensa Oficial, entre outras:

Com indústria e mercado livreiros em franca expansão e o livro didático consolidado como instrumento privilegiado de ensino, mediador entre as tematizações, normatizações e concretizações pedagógicas, intensifica-se, de um lado, a necessidade de controle por parte dos órgãos oficiais que aprovam, autorizam e compram livros didáticos para distribuição entre os alunos pobres das escolas públicas e, de outro, a preocupação com os critérios de seleção, por parte dos professores, decorrente da garantia de “autonomia didática”, assim como críticas à importância excessiva atribuída a esses instrumentos de ensino. (MORTATTI, 2000, p. 199).

A partir do século XX, mais especificamente após os anos 50, ampliaram-se os espaços de convivência por meio das salas de aula, principalmente por meio dos chamados Grupos Escolares, os quais tinham por objetivo generalizar o ensino e minimizar o tempo escolar. Professor e aluno atuavam na sala de aula de maneira sincronizada, opondo-se aos métodos de ensino individual que perdurava no século XIX:

Embora também sejam muitas as cartilhas produzidas por professores paulistas, sobretudo a partir de 1930, continuam a circular no Estado de São Paulo algumas das cartilhas produzidas no final do século passado e nas primeiras décadas deste século, conforme se pode observar pelo número de suas edições em listagem

contidas em catálogos de editoras. (MORTATTI, 2000, p. 201).

Além disso, essa nova organização escolar, que também pressunha a uniformização e seriação dos conteúdos, distribuídos gradualmente nos quatro anos do curso primário, passou a exigir uma variedade bem maior de livros didáticos adaptados ao ensino graduado de todas as matérias do currículo: Quanto às cartilhas produzidas a partir do final da década de 1930, o número parece ter aumentado significativamente como se pode observar nas relações de livros autorizados, contidas em publicações oficiais e em outras fontes, como catálogos de editoras e acervos particulares (MORTATTI, 2000, p. 202).

Segundo Frade e Maciel (2006), até meados da década de 90, o período se caracterizava pela centralização da política de livros didáticos, incluídos os de alfabetização via implantação do Plano Nacional do Livro Didático. Em 1996, instaura-se no Brasil a política de avaliação das cartilhas pelo governo federal, que assegurava a regulação, a avaliação e a compra de livros para alfabetizar.

Nessa época, praticamente cessaram as edições das cartilhas de alfabetização, pois os ideários “construtivistas” passaram a negar os métodos tradicionais de ensino-aprendizagem, iniciando um verdadeiro fenômeno “não-cartilha” (FRADE; MACIEL, 2006) e gradativamente foram cedendo espaço aos pré-livros que utilizavam o método global para alfabetizar:

Outra manifestação do relativismo do pensamento pós-moderno é o historicismo radical, o qual afirma a imanência radical e insuperável de toda a realidade individual e social às coordenadas históricas em que se desenvolve. As informações transistóricas ou os contrastes e as comparações entre épocas carecem de sentido ao se dissolver o cenário histórico concreto que as configurou. Não apenas se nega a possibilidade de buscar o sentido da história e seu horizonte teleológico, como também a mera possibilidade de compreensão de épocas diferentes e distantes, cujo contexto desapareceu. (GOMÉZ, 2001, p. 37).

É fato que as cartilhas mostraram-se, principalmente no século XIX e XX, como uma primeira experiência na área da alfabetização, o que permitiu que a sociedade atual experimentasse métodos divergentes,

embora nos estudos de Antunes, Bopp e Farias (2007), vinculados às pesquisas do GEPFICA, tenham constatado professoras alfabetizadoras que se utilizam das cartilhas como material de apoio para planejar e desenvolver sua aulas.

A partir da consolidação da Política Nacional do Livro Didático em 1997, acervos de livros e cartilhas de alfabetização como o Ceale (FaE/UFGM), o Projeto Memória da Cartilha (FaE/UFRGS) e o CEIHE (FaE/UFPel) têm crescido e fomentado pesquisas de cunho histórico e de conhecimento sobre as cartilhas, revivendo memórias de um período não muito distante da História do Brasil.

As cartilhas no Rio Grande do Sul: um legado histórico para a alfabetização

Com base nos dados produzidos, principalmente pelo Centro de Estudos e Investigações e História da Educação (CEIHE), locado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, discorrer-se-á acerca da trajetória percorrida pela história da alfabetização no Estado do Rio Grande do Sul. O CEIHE possui, atualmente, 122 títulos de cartilhas/livros de alfabetização catalogados (PERES, 2006) e que, em sua maioria, foram produzidas principalmente nas décadas de 70, 80 e 90.

Nos estudos de Peres (2007), destacam-se as figuras marcantes das professoras gaúchas Nelly Cunha, Cecy Cordeiro Thofehr, Teresa Iara Palmirini Fabreti e Zélia Maria Sequeira de Carvalho, autoras de inúmeros livros escolares entre os anos de 1950 e 1980, no Rio Grande do Sul. Dentre as cartilhas produzidas por elas, podemos citar: *Estrada iluminada* (1962), *Viva o circo* (1969), *Alegria, Alegria* (1973), *Nossa terra nossa gente* (1974), *Tapete verde* (1976), *Tempo presente* (1977), entre outras. Os exemplares destas e de muitas outras cartilhas de alfabetização encontram-se disponíveis no acervo bibliográfico e histórico do CEIHE.

Conforme Peres (2007), Frade e Maciel (2006), as cartilhas escolares foram produzidas no Rio Grande do Sul por editoras de destaque como a Tabajara, com a cartilha “Marcelo, Vera e Faísca” (1961); Selbach, com a “Cartilha Maternal ou Arte de Leitura - Methodo João de Deus” (n/c); Editora Globo, com a “Cartilha de Zé Toquinho” (1948), entre outras, algumas delas existentes neste século:

Ao trabalhar com cartilhas e pré-livros produzidos no Estado gaúcho percebe-se que, entre os anos de 1950 e 1970, houve uma significativa ‘política’ de produção de livros didáticos. Essa produção local foi incentivada, principalmente, pelo CPOE (Centro de Pesquisas e Orientação Educacional), órgão criado em 1943, e li-

gado à Secretaria de Educação e da Cultura. Sua função principal era a “realização de estudos e investigações psicológicas, pedagógicas e sociais, destinados a manter em bases científicas o trabalho escolar.

O CPOE teve um papel marcante nos rumos do ensino primário sul-rio-grandense: orientou, decidiu, fiscalizou, controlou, pesquisou, determinou projetos e práticas pedagógicas para a escola primária, entre as décadas de 40 e início de 70. As imposições pedagógicas mais marcantes do CPOE estavam relacionadas ao currículo escolar, aos livros e às leituras, à organização das classes e à elaboração das provas finais. (PERES, apud FRADE; MACIEL, 2006, p. 127).

A partir do referencial acima, percebe-se a relevância deste Centro de Pesquisas para o Estado do Rio Grande do Sul, o qual desempenhava o papel de regulamentador e incentivador das publicações e edições das cartilhas que se utilizavam do método global de contos (PERES, 2007).

Incentivados por essas pesquisas, ressalta-se que a memória e as autobiografias de professoras alfabetizadoras desempenham um papel de fundamental importância, visto contribuírem para que as mesmas recordem sobre suas atividades, seus processos de construção da leitura e da escrita e os métodos de alfabetização por elas utilizados:

A pesquisa (auto) biográfica é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela para os demais. Produzir pesquisa (auto) biográfica significa utilizar-se do exercício da memória como condição *sine qua non*. A memória é elemento chave do trabalho com pesquisa (auto) biográfica, em geral: Histórias de vida, biografias, autobiografias, Diários, Memoriais. A pesquisa (auto) biográfica, embora se utilize de várias fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, documentos, utilizam-se da rememoração, por excelência. Esta é componente essencial na característica do (a) narrador (a) na construção/reconstrução de sua subjetividade. Esta também é componente essencial com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na refletir compreensão de seu objeto de estudo, ao tentar articu-

lar memória e conhecimento, procurando edificar uma “arqueologia da memória”. (ABRAHÃO, 2004, p. 202-203).

Nesse sentido, a partir dos estudos realizados até o presente momento com treze (13) professoras alfabetizadoras que participaram como colaboradoras para esta pesquisa, percebeu-se que quanto às cartilhas utilizadas, encontramos, nas respostas, um número de 10 professoras que utilizam ou utilizaram cartilhas como recurso para alfabetização. Assim, as cartilhas citadas³ por elas foram: *Caminho suave*, *Cartilha quero-quero* (elaborada especificamente para a zona rural de Santa Maria), *Cartilha João-de-barro*, *Coleção Marcha criança*, *Porta aberta*, *Pipoca*, *Método lúdico de alfabetização*, *Toca do tatu*, *Alegria do saber*.

Com isso, é possível inferir o quanto as memórias e os relatos autobiográficos constituem-se em mecanismos repletos de riqueza, tanto de detalhes, quanto de histórias de vida distintas, vividas por professoras durante sua afirmação enquanto alfabetizadoras. Segundo Bosi (1999, p.55),

[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

A contribuição de Bosi (1999) reitera a importância da utilização dos relatos autobiográficos na busca de relacionar-se o cotidiano escolar às lembranças da escolha profissional e do processo de formação. Ao instaurar a possibilidade de reflexão, o ser humano passa a repensar e modificar as ações anteriormente adotadas, criando espaços para novas práticas docentes.

Reitera-se a ideia de que as pesquisas na área da história da alfabetização utilizam-se das memórias para fundamentar seus escritos,

³ As cartilhas citadas acima constituem parte da coleta de informações realizada através das entrevistas semiestruturadas aplicadas a treze (13) professoras alfabetizadoras de escolas rurais de Santa Maria/RS, como recurso metodológico do projeto de iniciação científica intitulado: “Narrativas e memórias de professoras alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas do campo (rurais) da região de Santa Maria/RS”, sob a coordenação da Professora Helenise Sangoi Antunes. Esta pesquisa conta com uma bolsa de iniciação científica da FAPERGS (BIC) e uma bolsa de iniciação científica do CNPq (PIBIC).

assim como de acervos documentais, cartas, bilhetes, fotografias, entre outros.

Para que se possa rememorar a partir deste artigo, dispõe-se de dois quadros (quadro 1 e quadro 2), com cartilhas indicadas pelo CPOE nos anos de 1950 e 1960 (PERES apud FRADE; MACIEL, 2006, p. 156-158):

QUADRO 1- Cartilhas indicadas para o 1º ano pelo CPOE – 1950

Cartilhas indicadas para o 1º ano pelo CPOE – 1950			
Título	Processo	Autor	Editora
O livro de Lili	Contos	Fonseca, Anita	-
Lalau, Lili e o Lobo	Contos	Grisi, Rafael	Editora do Brasil
Meu novo amigo	Palavras	Rialva, Rita de	Briguiet
Ler é bom	Sentenças	Zanini, Alda F.	Globo
Cartilha do Vivi e Vava		Rabelo, Célia	Ed. Nacional
Cartilha das Crianças	Contos	Rocha, Clari G.	Melhoramentos
Ler e Brincar	Contos	Silveira, Juraci	Ed. A Noite
O bom colega	Sentenças	Freitas, Altira R.	Francisco Alves
Cartilha Sodré	Sentenças	Sodré, B. Sthal	Ed. Nacional
Meu livrinho	Contos	Mendonça, Helena	Melhoramentos
Diana e Dudu	Contos	Ferreira, A.	Francisco Alves
A cartilha de Zé Toquinho		Xavier, Odila Barros	Globo

Fonte: FRADE, e MACIEL, 2006.

QUADRO 2 - Cartilhas indicadas para o 1º ano pelo CPOE - 1960

Cartilhas indicadas para o 1º ano pelo CPOE – 1960			
Título	Método	Autor	Editora
Onde está o patinho?	Eclético	Amoroso, Cecília Bueno dos Reis	Melhoramentos
O Livro de Lili	Global/Contos	Fonseca, Anita	Global/Contos
Lalau, Lili e o Lobo	Global/Contos	Grisi, Rafael	Global/Contos
Joãozinho e Maria	Global/Contos	Jorge, Helena	Imprensa Oficial
Uma Cavalinho	Eclético	Lourenço, M. B.	Melhoramentos
Meu Livrinho	Global	Manoron, Helena	Melhoramentos
Os amiguinhos de Joãozinho	Global/Contos	Osório, Suelly L.	Livraria Selbach
Ler e Brincar	Global/Contos	Silveira, Juraci	Noite
Sarita e seus amiguinhos	Global/Contos	Thoféhm, Cecy e Szechir, Jandira	do Brasil S.A.

Fonte: FRADE, e MACIEL, 2006.

Conforme Peres (apud FRADE; MACIEL, 2006, p. 156), “o Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais (CPOE) esteve sempre a frente na difusão do método global de ensino da leitura”. As cartilhas citadas nos quadros 1 e 2 acima foram produzidas e editadas levando em conta o método global de alfabetização, o qual esteve em evidência no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1950-1970. Dentre elas, *O livro de Lili e Sarita*

e seus amiguinhos circularam amplamente no Rio Grande do Sul neste período (PERES, 2006).

Assim, nas lembranças de professoras alfabetizadoras, alunos e alunas que passaram pelas escolas nas décadas de 1930 a 1980, permanecem vivos os nomes e as imagens dessas cartilhas. Dentre elas, a *Upa cavalinho*, *O livro de Lili*, *Cartilha Sodré* e *Cartilha das crianças*, entre outras, as quais circularam pelo século XX e permanecem, em alguns Estados como o Rio Grande do Sul, na memória e nas bibliotecas particulares de muitas destas professoras alfabetizadoras, além daquelas integradas em acervos históricos de instituições de ensino superior (IES) públicas do Brasil.

Considerações Finais

Como resultado desta pesquisa, após o contato com as escolas e as professoras rurais, construiu-se um “Memorial de Cartilhas”, com imagens de cartilhas que as professoras puderam manusear e usar como suporte para seus exercícios de rememorar. Concomitantemente, muitas delas se referiram às *Cartilhas Sodré*, *Caminho suave*, *Cartilha na roça* e *Upa cavalinho* como cartilhas igualmente utilizadas por suas professoras alfabetizadoras há mais de 50 anos, cuja memória permanece viva. Em 2008, pode-se contar com o fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), via Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFSM), para a construção, através dos diários de campo, de um Banco de Dados institucional de acesso público, para que outros estudos na área possam utilizar essa mesma ferramenta como suporte para novas pesquisas sobre o tema.

Nesse sentido, observando os quadros 1 e 2, destaca-se a presença de cartilhas que utilizam o método alfabético, o método fônico e método silábico. Porém, a análise das cartilhas a partir desses métodos não é o objetivo deste artigo. Assim, acredita-se que situar em nível histórico e atual as cartilhas de alfabetização que circularam no século XX é uma forma de valorizar a escola pelas quais avós, pais e até mesmo os pesquisadores deste estudo permaneceram no período escolar, além das memórias, as histórias de vida pessoal e profissional e os processos pelos quais as professoras alfabetizadoras projetaram suas vidas.

Nesse raciocínio, espera-se que outras pesquisas surjam da vontade de manter acesas as lembranças escolares das professoras alfabetizadoras, considerando-se o que tanto fizeram pela sociedade contemporânea.

Referências

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *A aventura autobiográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. (Org.) *História e histórias de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ANTUNES, Helenise; PEREIRA, Fabiana Bopp; FARIAS, Graziela Franceschet. *Narrativas e memórias de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas do campo (rurais) da região de Santa Maria – RS*. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Santa Maria, Projeto BIC/FAPERGS/UFSM, 2007.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 4. ed. Porto: Porto, 1994.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BRESOLIN, Paoline; ECCO, Idanir. Ser escola rural: da historicidade, das características e das representações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2008, Frederico Westphalen. *Anais...* Disponível em: <http://www.uri.com.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/530.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2008.
- CANÁRIO, Rui. Escola Rural: de objecto social e objecto de estudo. *Revista do Centro de Educação*. Dossiê: Educação no campo. Santa Maria-RS, v. 33, n. 1, p.33-43, jan/abr 2008.
- FAZENDA, I. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FRADE, I. C. A. da S.; MACIEL, F. I. P. (Org.). *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.
- GATTI, B. A. *A Construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GÓMEZ, A. I. PÉREZ. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. Cartilhas de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos Cedes*. Cultura escolar: história, práticas e representações. Campinas, ano XX, n. 52, p.41-54, 2000.
- PERES, Eliane. Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Cartilhas Escolares em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de Investigação. In: FRADE, I. C. A. da S.; MACIEL, F. I. P. (Org.) *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc.*

XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006. p.117-171.

_____. (Org.). *Memórias de alfabetização*. Pelotas: Seiva, 2007.

TERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria. (Orgs.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993.

TRINDADE, I. M. F. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser natural, nacional e mestra*. Queres ler? Bragança Paulista-SP: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

Recebido em: 24/10/2008

Aprovado em: 09/03/2009